

CS

caderno de sábado

No Mês do Médico,
mostre para todo
mundo o seu carinho
por quem cuida de você.

Mande uma mensagem de voz pelo
WhatsApp para (51) 9818.3542.
As melhores vão passar no rádio.
Participe!



Coordenador Editorial: Juremir Machado da Silva | juremir@correiodopovo.com.br Editor: Luiz Gonzaga Lopes | lgferreira@correiodopovo.com.br

A produção livresca do Rio Grande do Sul não para. Nesta edição do Caderno de Sábado, resenhistas oferecem algumas visões do que o leitor pode encontrar no romance, na grande reportagem e nas ciências humanas. Para completar o cardápio, um conto do brasileiro Rubem Mauro Machado comparado a uma obra de Jorge Luis Borges. E uma entrevista com Peter Sloterdijk, considerado um dos maiores renovadores da filosofia alemã contemporânea

RESENHA

O inverno de Assis Brasil

LÉA MASINA*

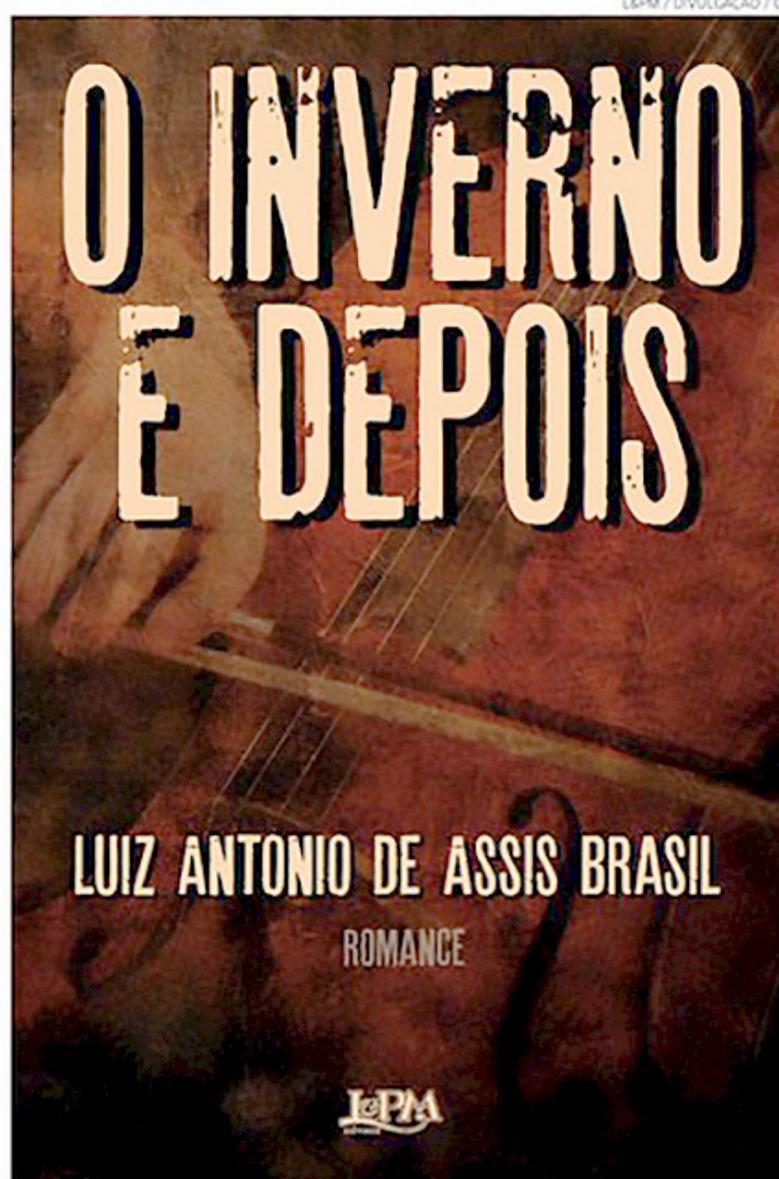
Mais do que os livros anteriores que tiveram a música como sustentação temática, "O Homem Amoroso", "Concerto Campestre", "Música Perdida", "O Inverno e Depois" (L&PM) reafirma a presença da música na obra de Luiz Antonio de Assis Brasil. Dedicado a Janos Stárker, virtuose e violoncelista húngaro falecido em 2013, o romance narra a história de Julius, violoncelista gaúcho radicado em São Paulo, que chega em Porto Alegre com destino à fazenda que herdara da família, na fronteira com Uruguai. Sua intenção é viver recluso no campo por três meses para estudar o primeiro movimento do concerto para violoncelo e orquestra de Antonín Dvorák. Julius é casado e trabalha como músico de orquestra. Na fazenda, ele encontrará Antonia, a meia-irmã, velhos empregados, antigas lembranças, incluindo suas primeiras incursões musicais. Também irá reencontrar Costanza Zabala, com quem viveira, quando jovem, um caso de amor na Escola de Música de Würzburg, na Alemanha. O enredo, atraente pela proposta do reencontro dos amantes, serve de sustentação para a música, que disputa com Julius o protagonismo do romance. No caso de "O Inverno e Depois", tudo é música ou gira em torno dela: o amor, as separações, os movimentos, os reencontros, as despedidas e os sons que se prolongam no tempo.

Tal como Machado de Assis, cuja associação entre literatura e música resultou em textos que transbordam a sugestão temática, a identificação com a música, em Assis Brasil, sugere pensar uma estética da música subjacente a seu fazer literário. O prazer que advém do estudo da música e de sua capacidade de evocar e afetar ações humanas, aliviando a solidão e estimulando paixões, define a escritura do autor e os momentos mais pulsionais do romance. Sugere-lhe também uma sintaxe frasal que modula e adequa personagens e movimentos à narrativa.

Da conexão harmônica entre discursos resulta, para o leitor, um efeito diferenciado, comovente, de natureza estética. Além disso, o amplo conhecimento literário do escritor permite-lhe construir múltiplos discursos, conferindo mobilidade e duração ao texto para dar conta da intensidade com que a música conduz a narrativa.

Além da música, outra questão importante é o tempo. E, mais uma vez, cabe a comparação com Machado de Assis, em "Dom Casmurro", eis que Julius parece querer unir as pontas da vida. O encontro com Constanza e a possibilidade de executar bem o tão desejado concerto, e ser assistido por ela tantos anos depois, soam como harmonias em andamentos diversos. Talvez os deslocamentos do tempo ficcional compartilhem a mesma natureza do tempo musical, pulsação básica subjacente a uma composição. O "clique" num provável metrônomo, que corresponde a um tempo, cabe ao escritor, a quem compete dividir os compassos e compor a partitura. Literatura e música tornam-se metáforas autorreflexivas.

O mesmo ocorre com relação ao autor e personagem. O olhar de esteta com que Julius vê o mundo não passa despercebido aos leitores que logo dão-se conta da natureza híbrida do narrado. Parece ao leitor que o texto transita entre a autobiografia tradicional e a ficção, eis que fatos da vida, hábitos e experiências do escritor Assis Brasil deixam-se ler com relação às características da personagem e do discurso do hábil narrador em terceira pessoa. Na concepção do romance, trata-se de autoficção, conquista do século XXI, quando o escritor ressurge no próprio texto. Assim, se a memória impessoal tem a estrutura de uma citação sem fim, de uma frase que se escreve em nome de outro, como há muito tempo diz Ricardo Piglia, a memória pessoal vem marcada e aprimorada pela subjetividade. E experiência e memória, formada por lembrança e esquecimento, continuam sendo as fontes da matéria narrativa de Assis Brasil.



"O Inverno e Depois" reafirma a presença da música na obra de L.A. de Assis Brasil.

Assim, o fato de ter trabalhado, por 15 anos, como violoncelista profissional na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, o que lhe possibilitou escrever "O Homem Amoroso", retorna em "O Inverno e Depois" em forma de conhecimento e autoconhecimento. O modo como o escritor detalha sensações, percepções, sentimentos e como, para além de tudo, conhece o infinito a que a música conduz, representada no romance pela sofisticação do concerto de Dvorák, não deixa dúvidas: apenas a vertente da autoficção seria capaz de expressar tal domínio de saber. Também ante as falas do narrador em terceira pessoa, em suas intervenções e pequenas digressões, lê-se a performance que funde o vivido e o inventado, verdade e ficção, construindo uma linha melódica própria.

Não é apenas a proximidade com a música que permite ao leitor identificar escritor e personagem. Quem conhece Assis Brasil identifica, a cada parágrafo, sua natureza imaginativa, o fascínio pela palavra, a competência para intelectualizar sentimentos e criar simulacros e, sobretudo, o imenso respeito pelo poder transformador e epifânico da arte e da palavra. Narrado em primeira ou em terceira pessoa, o texto autoficcional é escrito para confundir a estância empírica do escritor, então metamorfoseado em personagem, às instâncias ficcionais das personagens de papel. Nesse espaço híbrido constrói-se um pacto intencionalmente ambíguo, que joga com elementos empíricos e ficcionais. Em "O Inverno e Depois", o pacto está plenamente realizado. Assis Brasil está presente tanto no narrador que costura os deslocamentos de Julius, quanto neste, sobretudo no que se refere à música. Mas o que importa ao leitor, no encontro com o texto, é o deleite de uma narrativa madura, sempre elegante e impregnada de verdade humana.

* Doutora em Literatura Comparada pela Ufrs. Crítica Literária.